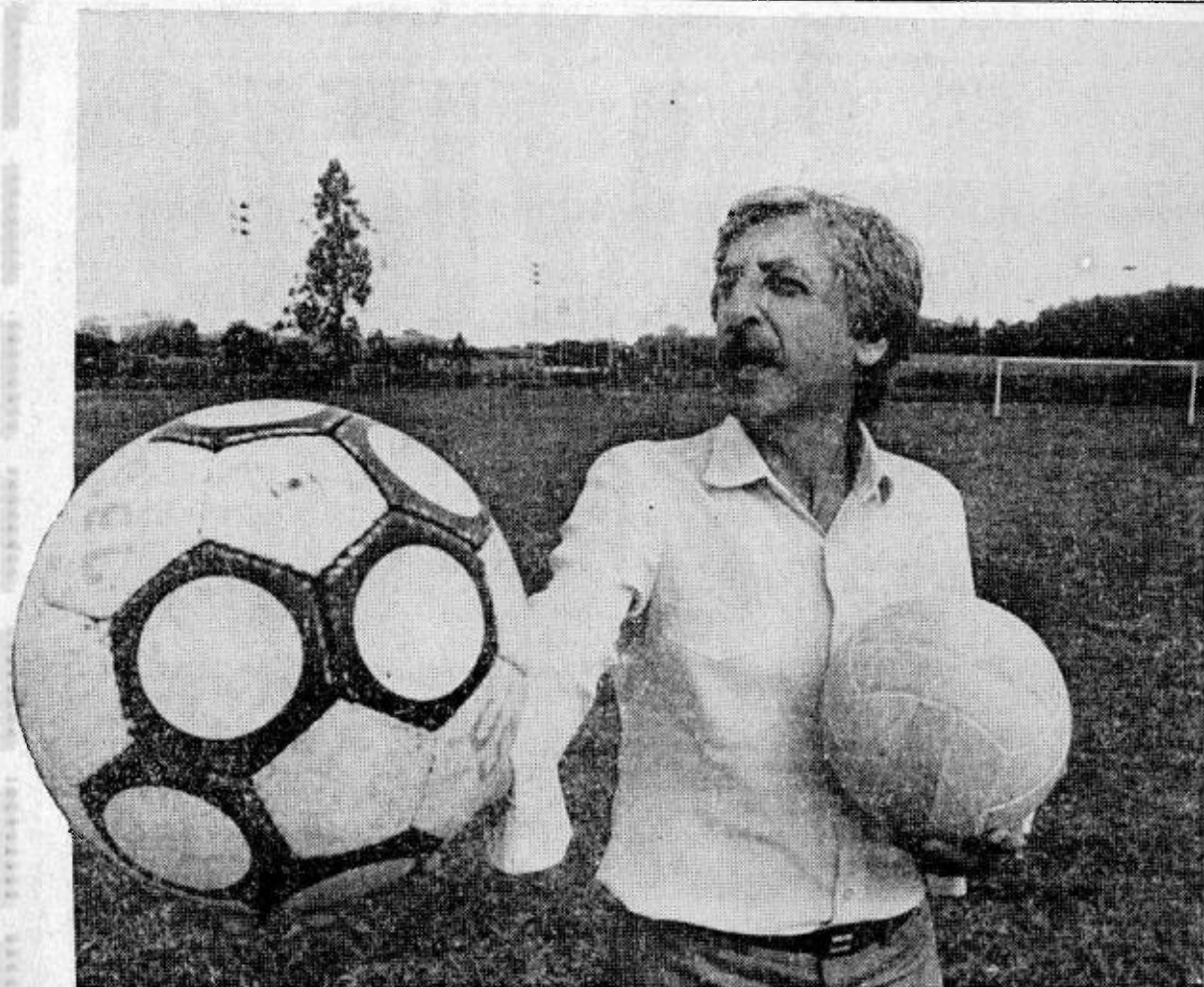


08.04.1989



Itamar Miranda/AE

Ceshim no campo da USP: "O jogador procura padronizar ao máximo o seu discurso"

## Ninguém mais fala o idioma dos gramados

Velhas expressões, como "véu da noiva" e "mãe", não fazem sentido para os jovens futebolistas

LINA DE ALBUQUERQUE

Anárquica e indisciplinada, ela arrepiou as normas gramaticais, invadiu os campos da comunicação e caiu na boca do povo. Hoje, no entanto, a linguagem do futebol, num sintoma do desprestígio do esporte no País, está perdendo a sua ginga e capacidade de renovação. Virou uma fala perneta, por assim dizer, avançando muito pouco além da pequena área.

Esses sinais de recuo da influência da linguagem futebolística nos dizeres brasileiros são notados por Oswaldo Ceshim, professor de Língua Portuguesa da USP. No próximo mês, ele participará do primeiro curso aberto de difusão cultural do futebol na Faculdade de Educação Física, ao lado de um time de craques acadêmicos (\*). A descaracterização e o empobrecimento de expressões derivadas do futebol estão refletidos, segundo Ceshim, nos discursos dos jogadores, dos meios de comunicação e da platéia torcedora — esta última, por sua vez, cada vez mais distante do cotidiano dos estádios.

Na sua opinião, o rigoroso processo de profissionalização

do esporte no País acabou por transformar o saudoso "artista da bola" num funcionário cumpridor de deveres. "Como objeto de consumo", diz o professor, "o jogador procura padronizar ao máximo o seu discurso". Com isso, acredita, ele estaria se preparando para enfrentar a marcação da mídia, atenta também em prender o espectador no seu jogo.

No livro *Futebol-fenômeno linguístico*, de Maria do Carmo de Oliveira Fernandez, são mencionados alguns destes clichês: "Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance"; "Se Deus quiser, vamos lutar pela vitória"; "Espero trazer muitas alegrias à torcida". "Os meninos adoram dizer 'eu acho' nos microfones, até mesmo quando o fato já é consumado e não há nada para ser achado", brinca o veterano locutor Orlando Duarte. "Se usamos frases feitas, é no sentido de atingir mais o grande público", admite o jogador Sócrates.

A linguagem do locutor esportivo, pensa Ceshim, tornou-se também muito dissonante da do jogador. O primeiro locutor esportivo que o Brasil conheceu em 1931 pelos microfones da *Rádio Educadora Paulista*, Nicolau Tuma, (apelidado de "metralhadora" por conseguir falar mais de 200 palavras por minuto), atualmente com 78 anos, está de pleno acordo nesse ponto. "A notícia clara e direta,

que precisa ser compreendida rapidamente no rádio e na TV, deu lugar à eloquência", reclama o pioneiro, que foi mestre dos sucessores Ary Barroso (o mesmo do hino *Aquarela do Brasil*) e Pedro Luís. Aposentado há oito anos como ministro do Tribunal de Contas, Tuma foi responsável pelas traduções de termos ingleses como *fault* (falta) e *corner* ("preferi 'escanteio' a literal 'canto', por me soar mais eufônico").

"Ceshim lembra, ainda, que a linguagem viva do jogador como a encontrada nos bastidores da várzea de outros tempos perde em repercussão para a linguagem criada pelos meios de comunicação. Demasiadamente preocupado com a sua carreira, hoje o atleta pensa duas vezes antes de denominar-se "boleiro" diante das câmaras. Ele agora é o jogador profissional. "No final dos anos 70", situa o professor, "o povo começa a perceber que o futebol é menos dele do que da política, dos cartolas, da mídia e dos bem pagos jogadores". Para ele, toda vez que o povo resolve tirar seu time da jogada, o esvaziamento linguístico se evidencia.

(\*) Também participam do curso, entre 15 a 26 de maio, às 19h, com inscrições de 11 de abril a 11 de maio, os professores da USP Waldenyr Caldas (O Pontapé Inicial), Maria Eunice Mendonça (Garrincha, Alegria do Povo), Dilma de Melo Silva (Chapeitinha Futebol Clube), Edson Manoel (Futebol e Habilitação), Lisbeth Gonçalves (Artes Plásticas e Futebol), Ismar Soares (O Futebol como Educação Política), e Antônio Prado (O Futebol como Prática Popular).

### "Para mim, bola é bola mesmo"

Os meninos de hoje não "abraçam a menina" (expressão usada no passado, quando o goleiro defendia a bola com firmeza, envolvendo-a junto do corpo) nem "acariciam a bola" (dominá-la com técnica). Vocábulos como "balançar a roseira ou o véu da noiva" (chacoalhar a rede do gol), "tico-tico no fubá" (atacantes dribladores sem objetividade, o mesmo que "cisca-dores"), "bola na caçapa" (bola dentro do gol, "bola no filó", "bola no puçá"), e muitos outros arrolados por Ivan Proença, no livro *Futebol e Palavra*, soam estranhos para eles.

A maioria das gírias usadas por Aluysio de Campos Neto, dez anos, foram aprendidas numa fita de vídeo, *Isto É Pelé*, re-

corde de vendas no Brasil, por sinal. "Frangueiro" (maior goleiro), "perneta" (jogador inábil), "cabeça-de-bagre" (atleta pouco esperto), "raio" (jogador rápido) e "bolão" (jogada de craque) são algumas delas. No entanto ele associa "mãe" (jogador que facilita o jogo do adversário) com "capitão do time", e "calombeiro" (o campo irregular, cheio de calombos) com "o jogador que comete muitas faltas".

Aluysio está aprendendo futebol numa academia, atitude impensável para os moleques dos campinhos da várzea de outros tempos. Fred Curam, 11 anos, seu colega na escola de futebol, diz só ter escutado, nas

poucas vezes em que esteve num estádio, frases do tipo "jogador grosso", "inteligue", "vai se ferrá, baiano", "toca a bola, seu besta". Mas ele nunca ouviu falar de jogadores que tivessem "intimidade com a bola" (saber jogar com técnica, "tratar bem a bola"), que fizessem a bola "beijar o poste" (bater na trave, de frente, sem raspá-la), ou que a apelidassem carinhosamente de "Guiomar", "Leonor", "Nega" ou "balão de couro".

"Para mim, bola é bola mesmo ou 'gorduchinha' (de Osmar Santos)", diz Fred. Thierry Galhay, 12 anos, aluno da mesma academia, chama a bola de "empadinha", mas garante que o tênis e o basquete são mais saborosos.